

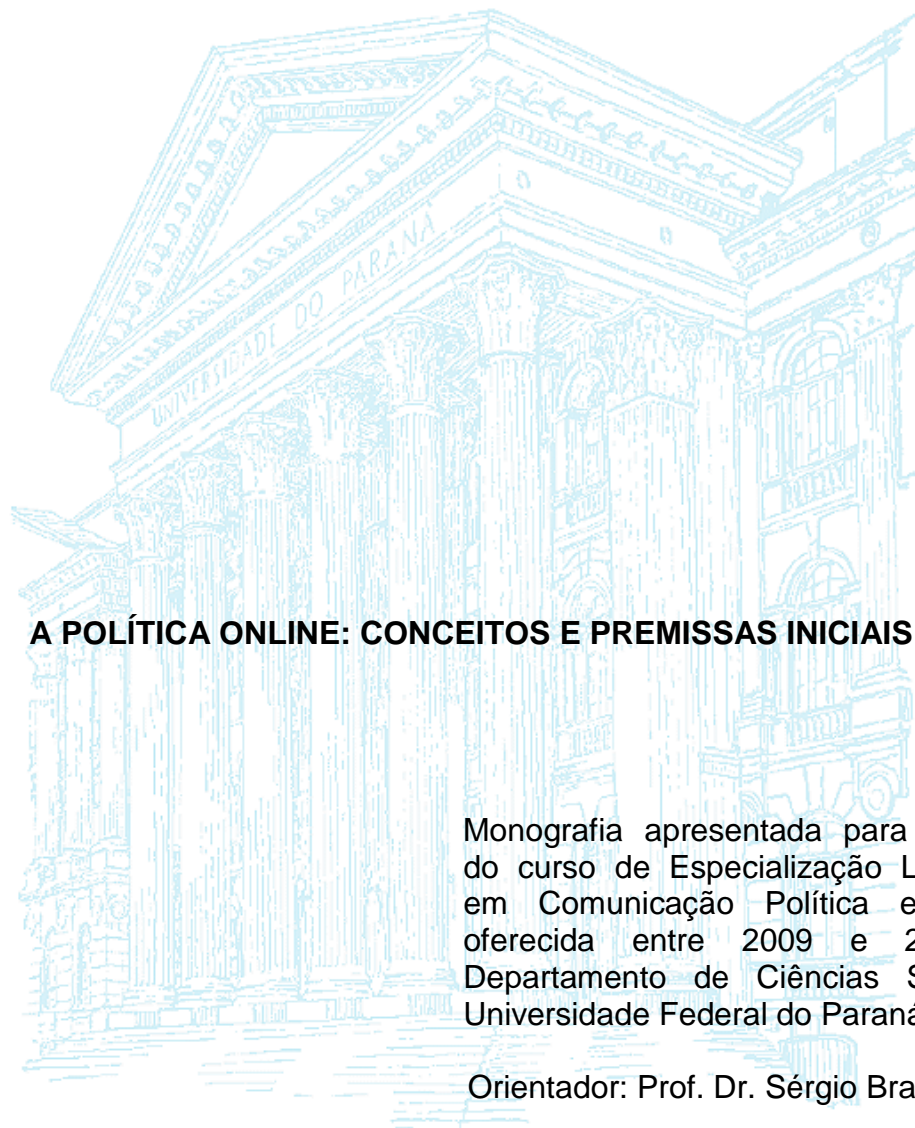
**TAIANA LOISE BUBNIAK**

**A política online: conceitos e premissas iniciais**

**CURITIBA**

**2011**

**TAIANA LOISE BUBNIAK**



**A POLÍTICA ONLINE: CONCEITOS E PREMISSAS INICIAIS**

Monografia apresentada para conclusão do curso de Especialização Lato Sensu em Comunicação Política e Imagem, oferecida entre 2009 e 2010 pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Braga

**CURITIBA**

**2011**

## **AGRADECIMENTOS**

A todos que, de alguma forma, contribuíram para meu crescimento intelectual, aos bons professores que tive neste e em outros cursos, pois, do contrário, este trabalho não teria sido originado. Agradeço também à possibilidade de redigir esta breve pesquisa, que foi essencial para meus estudos e decisões tomadas com relação à dissertação de mestrado que desenvolvo nesta mesma instituição.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>5</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2. OBJETIVOS</b>	<b>9</b>
<b>3. SOCIEDADE, TECNOLOGIA E TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS</b>	<b>10</b>
<b>3.1 Conteúdo em Potencial</b>	<b>13</b>
<b>3.2 A interação Social mediada pela Técnica</b>	<b>16</b>
<b>4. O USO DA INTERNET NO BRASIL</b>	<b>18</b>
<b>5. COMUNICAÇÃO E POLÍTICA: A COSTURA ENTRE OS CAMPOS</b>	<b>22</b>
<b>6. COMUNICAÇÃO, POLÍTICA E INTERNET</b>	<b>28</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>33</b>
<b>REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b>	<b>35</b>

## RESUMO

As recentes transformações e avanços tecnológicos propiciaram a inserção da tecnologia no cotidiano de grande parte da população. Esta mudança trouxe à tona uma série de mudanças sócio-culturais, políticas e econômicas. Entre os diversos campos que sofreram modificação, estão também as relações políticas do sistema representativo, que está presente em grande parte das democracias contemporâneas. Desta forma, este trabalho tem como norte a observação da pesquisa científica que tem como objetivo observar as relações na interface entre indivíduo, internet e participação política. A intenção do texto é tratar sobre a sociedade inserida nas transformações tecnológicas e avanços das Tecnologias e Comunicação e Informação, observar os usos e presença dos brasileiros na internet, tratar dos temas da comunicação política, e por fim, da presença na política na internet e a participação dos usuários/eleitores. A análise da literatura já consolidada sobre esses vieses parece apontar que a pesquisa na área de convergência entre internet e participação política é crescente e fomenta-se que esta discussão é necessária e primordial para a compreensão da sociedade contemporânea.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como função e objetivo, analisar a pesquisa já realizada sobre internet e participação política no Brasil. Com base em autores que tratam sobre a relação entre sociedade e inovações tecnológicas, internet e comunicação política, tem-se como objetivo fazer uma revisão bibliográfica sobre o assunto, buscando apontar de que forma os agentes políticos, no Brasil, têm utilizado a internet e como, ou, em que medida, o público, composto por possíveis eleitores (GOMES, 2004), tem participado ou utilizado formas de interação oferecidas pelas ferramentas tecnológicas.

As práticas comunicativas de toda a natureza envolvem o cotidiano de milhões de pessoas ao redor do planeta. Neste momento, há milhões de pessoas que conversam, usam o telefone, escrevem um e-mail, lêem jornal, ouvem rádio ou assistem televisão. Embora todas essas imagens já façam parte daquilo que consideramos como comum, elas não estão separadas de um contexto que exige que a relacionemos com um momento histórico que envolve cultura, sociedade e tecnologia.

A comunicação através da rede mundial de computadores alcança níveis cada vez mais amplos que tem alterado significativamente a troca de informação entre a população e os atores sociais. Quando o assunto é política, em estados democráticos pluripartidários, faz-se importante o estudo e a verificação do uso que está sendo feito desta ferramenta de comunicação.

Pierre Levy, filósofo que estuda as interações entre sociedade e internet, em seu livro 'Tecnologias da Inteligência', pontua que

Cada grande inovação em informática abriu a possibilidade de novas relações entre homens e computadores: códigos de programação cada vez mais intuitivos, comunicação em tempo real, redes, micro, novos princípios de interfaces... É porque dizem respeito aos humanos que estas viradas na história dos artefatos informáticos nos importam (LÉVY, 1993, p.54).

Levando em conta a linha de pensamento do autor, é possível deduzir que estará mentindo quem disser que não tem seus hábitos comuns da vida cotidiana afetados pela informatização. Retirar dinheiro do banco, inscrever-se em provas e

concursos, procurar vagas de emprego, manter contato com amigos e familiares e, como preponderante instrumento de trabalho, todos estão expostos aos dispositivos digitais. Se tivermos essa informação, podemos deduzir que os atores da política também utilizam as mídias digitais.

As crescentes inserções da tecnologia nas relações sociais afetaram a transmissão de informação. Segundo Manuel Castells (1999), a comunicação, quando dispõe da potencial integração de textos, imagens fixas e em movimento e sons, se altera profundamente. Isso modifica também a cultura e a sociedade, já que estas são mediadas por esta nova maneira de comunicar. Logo, já que as novas tecnologias transformam as relações sociais, têm-se aí uma justificativa da realização da pesquisa para além do campo da comunicação, mas também, como contribuição social.

Diante destas observações, parece ser interessante observar de que forma os atores da política integram e interagem com as audiências. Esse movimento é realizado através dos veículos de comunicação, como nos mostra Rubim (2000) e, ainda de acordo com o autor, a miscelânea entre a política com a comunicação, a modifica de forma singular.

A Idade Mídia redimensiona e resignifica a política em três patamares distintos: na telepolítica, isto é, na política realizada em redes eletrônicas, analógicas ou digitais; no aparecimento de novos ingredientes políticos; e na redefinição dos regimes de funcionamento e dos formatos da política realizada em espaços geográficos determinados – aqui apreendidos pela metáfora da “rua” – pela virtualidade da sua possível absorção em redes midiáticas, retidas na noção metafórica de “tela” (RUBIM, 2000, p.50-51)

Pode-se estender este conceito de mudança também para a troca de informação que é realizada por meio das novas tecnologias comunicação através das redes digitais e de computadores interconectados, em uma palavra, a internet. Da mesma forma, também os atores da política utilizam as mídias digitais para perpetuar seu discurso e objetivos, e que as audiências utilizam este novo formato para informar-se sobre as nuances do campo da política.

GOMES (2004) afirma que as estratégias políticas só têm efeito sob uma audiência específica – e uma audiência pode ser convertida em eleitores – quando estão apoiados em dispositivos de comunicação.

Este é o momento dos primeiros grandes estudos monográficos teóricos sobre a comunicação política (...) e a sobre a sua importância para a vitória eleitoral e para o exercício do governo. Este é, sobretudo, o momento das primeiras formulações gerais sobre a política conquistada e dominada pelos meios de comunicação (...). De uma literatura segundo há qual há meios à disposição dos agentes sociais e do governo, passamos vertiginosamente a uma literatura onde a comunicação aparece como campo social predominante que impõe as suas estratégias e linguagens à política e suas opiniões, imagens e agendas ao público (GOMES, 2004, p. 21)

O autor ainda endossa a crescente profissionalização da comunicação política, o que cria um conhecimento sobre a “gramática dos meios”. Para Gomes, este saber é fundamental para que o campo da política possa produzir conteúdos aptos a circular nas esferas da visibilidade. Ainda de acordo com Gomes (2004), o crescente emprego da internet para a comunicação política representará o aparecimento de novas demandas e novas habilidades, o que gera a necessidade de pesquisa na área, a fim de entender e avaliar a presença e a influência dos meios de comunicação de massa no campo da política. A velocidade com a qual a interface entre comunicação e política se espalhou e se estabeleceu no mundo é relevante para entender a “inter-relação” entre estes campos.



## 2. OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como pressuposto que os agentes políticos utilizam a mídia de forma estratégica para perpetuar suas considerações, além de multiplicar, através dos meios de comunicação, seus objetivos políticos. É dessa forma que alcançam os eleitores e se inserem na esfera pública (aqui não se questiona o equilíbrio no acesso às ferramentas da comunicação). O trabalho parte da hipótese que, assim como o espaço dos veículos impressos, do rádio e televisão é utilizado pelos agentes políticos, igualmente ocorre na internet, ferramenta de conexão entre computadores que se mostra como um avançado meio de transmissão de informações.

Entende-se que os meios de comunicação são decisivos no que pode ser distinguido como conceitos do que é político e do que são os políticos para a população. Os veículos de comunicação e suas atitudes perante o jogo político refletem para o público a idéia que se cria do que é a política.

A hipótese deste trabalho se baseia na idéia de que a representação dos políticos através dos meios de comunicação, inclusive da internet, precisa ser observada. Diante da realidade de interconexão entre os campos da comunicação e da política, e, de forma mais específica, do recente uso da internet para interligar agentes e ações políticas com público e eleitores, propõe-se os seguintes objetivos para o presente trabalho.

- a) Observar e elencar pesquisas já realizadas sobre usos que agentes políticos fazem das novas tecnologias de informação e comunicação, através do estudo de pesquisas bibliográficas e empíricas publicadas sobre a temática.
- b) Analisar, por meio da leitura de autores que já tratam sobre o assunto, se a participação política na internet aponta indícios do debate público e se há sinais de oferecimento de ferramentas de interação.

### 3. SOCIEDADE, TECNOLOGIA E TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS

A informatização e a onipresença de computadores e suas redes de comunicação têm modificado o cotidiano das pessoas, em diversas partes do mundo, desde meados da década de 1980. Este processo ficou acelerado depois do desenvolvimento e a privatização da internet, na década de 1990. Muitas ações passaram a fazer parte da listagem de práticas que não dispensam um terminal eletrônico ligado à rede mundial de computadores: transações bancárias, busca de informações, acessos a áreas do mercado de trabalho, manter contato com amigos e familiares e outros.

A transposição de ações antes realizadas em outros suportes para uma rede integrada de computadores denomina-se ciberespaço. Essa palavra foi empregada por William Gibson, no livro de ficção científica “Neuromancer”, em 1984. Pierre Lévy explica o termo:

Esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como espaço de batalha entre multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. (...) Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores (Lévy, 1999, p. 92)

Para o autor, está inserido no ciberespaço aquilo que faz parte das codificações digitais, porque através dela a transmissão de conteúdos e informações se torna “fluida, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual” (1999, p. 92-93). Estas seriam, para o autor, as marcas que tornam o ciberespaço peculiar.

Estas características também incentivaram pesquisas de outros autores, como Manuel Castells, para quem a interação social que se dá através dos dispositivos eletrônicos tem cada vez uma importância maior na organização social (2003, p. 109).

Para Adriano Duarte Rodrigues (1999) também é imprescindível voltar o olhar para a realidade mediada pelo computador, pois não há espaço do cotidiano que não tenha sofrido intervenção da técnica. Para ele, as visões otimistas e pessimistas acerca do assunto, tão antagônicas, não precisam de um consenso, mas exaustivas análises, que possam traduzir, em alguma medida, o que este movimento social significa.

Mas não há – e não se espera por ora – um ponto final nesta discussão. Como os estágios de difusão das máquinas de acesso à Internet são diversos, é impossível prever qual serão os usos feitos da tecnologia oferecida. A Internet já foi apropriada pelas ações sociais, mas este uso tem efeitos específicos que dependem do norte de cada prática social, já que é possível observar atitudes diversas nos “mundos” online e offline (CASTELLS, 2003, p. 99).

Parece ser essencial refletir sobre as modificações que o sistema de informatização e possibilidade de comunicação online podem ser capazes de inserir no corpo social. Castells (2003), que analisa diversas pesquisas sobre os usos e apropriações da internet, aponta que é impossível chegar a uma conclusão final sobre a temática. A pesquisa não conseguiria acompanhar as inovações tecnológicas, por isso

o estudo da sociabilidade na/sobre/com a Internet deve ser situado no contexto da transformação dos padrões da sociabilidade em nossa sociedade. Isso não significa menosprezar a importância do meio tecnológico, mas inserir seus efeitos específicos na evolução geral de padrões de interação social e em sua relação com os suportes materiais dessa interação: espaço, organizações e tecnologias da comunicação (CASTELLS, 2003, p. 105)

A configuração de sociedades em rede, beneficiadas pelos artefatos tecnológicos, de acordo com o mesmo autor, cria novas formas de sociabilidade, variáveis e cambiantes. O que é possível apreender deste novo modelo é que cada indivíduo está em contato com muitas fontes de informação e o contato passa a ser feito com base em interesses individuais. A vizinhança, a proximidade e o contato face a face deixam de ser prerrogativas para o contato com um novo conteúdo, como na organização tradicional da sociedade.

Estas escolhas, baseadas no interesse particular, formam redes de comunicação que dão o tom da “era da informação”. Ampliadas as possibilidades de comunicar, fica modificada também a cultura, uma vez que esta é mediada pela comunicação (CASTELLS, 1999, p. 354). É através do compartilhamento de simbologias e conceitos, nos meios de comunicação, que a sociedade se reconhece. Mesmo com a desigualdade no acesso à tecnologia, Manuel Castells defende a necessidade de analisar estas novas possibilidades comunicativas porque existe

continuidade social e histórica suficientes para configurar o movimento de virtualização de relações como uma tendência.

Intrinsecamente ligadas à comunicação e à linguagem, as novas tecnologias deixam o campo das ferramentas e passam a ser instrumentos que modificam a visão que se tem sobre a sociedade (RODRIGUES, 1999, p. 201). Esta natureza dualista da tecnologia é o que a afasta e aproxima das discussões sobre a sociedade. Se por um lado, são vistas apenas como ferramentas (assim como outrora foram a máquina a vapor, as estradas de ferro e a produção de aço, por exemplo), por outro, são dispositivos que dizem respeito justamente à comunicação e à linguagem, funções legitimadoras e que dão unidade ao corpo social e sedimentam uma cultura.

Uma das características fundamentais das tecnologias da informação é o fato de pertencerem a este domínio dos dispositivos técnicos e de incidirem diretamente sobre a linguagem, distinguindo-se assim claramente dos utensílios, que utilizamos no domínio da produção, e dos instrumentos, que utilizamos para tornar a nossa percepção sensorial do mundo mais precisa, clara e minuciosa (RODRIGUES, 1999, p. 201)

Portanto, entende-se e parte-se da premissa que as viradas tecnológicas nos importam e que o novo aparato técnico está modificando atitudes e modalidades discursivas, uma vez que novos esquemas mentais são necessários para tornar coerentes as atitudes e os novos dispositivos. A capacidade de estar presente em todo o planeta ao mesmo tempo é o que torna as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (Tics) tão diferentes de outras transformações tecnológicas: a noção de comunidade, proximidade e transmissão de informações, já enraizadas, estão sendo revistas (RODRIGUES, 1999, p. 209).

Ademais do apontamento sobre quem domina quem na relação entre homem e tecnologia, é essencial entender que a técnica, de acordo com Rodrigues (1999), Castells (1999, 2003) e Lévy (1999), se transforma em um produto social porque está sujeito às variáveis sociais. Ao mesmo tempo em que influencia a ação de diferentes grupos, o uso que estes mesmos grupos fazem da tecnologia é relevante para que a tecnologia continue sendo desenvolvida ou não.

A trama de relações que envolvem produção, difusão e uso das Tics está na seara política, econômica e cultural ao mesmo tempo. Aos poucos, com a análise da interação entre Internet e sociedade em casos empíricos, é que vão ficar mais claros

os efeitos das novas formas de interação e mudanças na linguagem geradas pelo uso de uma rede que conecta informações em todo o mundo.

A tentativa que se apresenta é tentar compreender os laços entre técnica, cultura e sociedade e até que ponto estas dimensões são correspondentes. Afinal, inovação técnica, mudanças sociais e novos projetos de sociedade, talvez não estejam em caminhos que se encontram. Há quem veja o futuro como a vivência traduzida em uma sociedade da informação, onde a dimensão técnica da comunicação superaria a dimensão humana e social. Porém, na Internet, o desafio é compreender se existe uma ligação entre o sistema técnico e uma efetiva ruptura no modelo cultural e social da comunicação (WOLTON, 2003, p. 12).

Ou seja: o oferecimento de diversas ferramentas de comunicação e informação não significa que estamos dando um passo a frente na evolução humana. Toda a “parafernália” tecnológica pode não significar nada ou estar sendo o carro-chefe de uma grande mudança social. Apenas a observação de situações reais – nos meios econômicos, políticos e sociais – poderão trazer e apontar aspectos mais reveladores sobre o que significa e de como fica a formação social em meio a tanta possibilidade de informação e comunicação.

### **3.1 Conteúdo em potencial**

Todo forma de conteúdo pode ser digitalizada. A inter-relação entre diversos códigos binários possibilitam que textos, imagens e sons possam ser incluídos no ciberespaço e disponibilizados ao redor de todo o globo através das Tics (LÉVY, 1999). Portanto, as redes de computadores e de pessoas ligadas a estes terminais tecnológicos permitem a geração e indexação de muito conteúdo.

No entanto, a rapidez e a quantidade disponível na troca de informações propiciada pela Internet não significa uma compreensão melhor das mensagens, mas apenas uma modificação na oferta. “Pela sua abundância os sistemas de informação relembram um pouco os hipermercados, é ‘o grande consumo’ de informação e de comunicação” (WOLTON, 2003, p. 85), argumenta o autor, que acredita que a ilusão de um mundo emancipado pela facilidade de acesso à informação é sedutora. Para ele, o discurso feito sobre as Tics é impactante e causa a falsa impressão de que a modernização está diretamente ligada a desenvolvimento político e social.

Mas a utilização desta ferramenta não corresponderia às promessas de liberdade feitas pelos seus precursores. Wolton, pensador que não considera que as Tics formariam um novo meio de comunicação, pontua que o tipo e a quantidade de informação disponível da rede de computadores é um resultado de possibilidades que já foram reveladas pelo satélite e pela televisão.

O fato de peso, em todo caso, é que o campo da informação se ampliou cada vez mais, se intensificando e integrando dimensões novas (...) As informações especializadas e os bancos de dados, através da informática doméstica, oferecem o meio para gerar uma quantidade crescente de informações e de conhecimentos (WOLTON, 2003, p. 92)

O autor aponta que as Tics levam a crer que todos precisam de informação a qualquer momento, o que cria um descompasso entre a oferta e a demanda. Assim como Wolton, Ramonet (1998, p.24) afirma que a informação predominante nas Tics são rápidas e desfragmentadas. Elas geram a “superabundância de informação” – termo cunhado pelo autor – que não é, necessariamente, sinônimo de mais conhecimento ou evolução do ponto de vista social, porque informar-se seria um processo intelectual que exige esforço e não pode ser concretizado dispensar sem energia.

Embora a visão técnica indique que os artefatos tecnológicos estão em um estágio de desenvolvimento avançado, a apreensão sobre essa quantidade de informação gerada ainda não está clara para os autores que pensam a cibercultura. A capacidade de aprendizagem e apreensão do conteúdo disponível no ciberespaço também é uma grandeza que dificilmente poderá ser averiguada. É possível realizar alguns apontamentos e para isso, utilizaremos as noções de conteúdo na internet propostas por Wolton (2003).

Para ele, as Tics foram perpetuadas como símbolo da liberdade. A abundância e a possibilidade de filtrar as mensagens individualmente, de forma diversa dos meios de comunicação de massa, transmitem uma ideal de “autopromoção possível, de uma escola sem mestre, nem controle” (WOLTON, 2003, p.87). As Tics e a capacidade inerente a elas de acesso ilimitado às informações gerariam um conhecimento ilimitado e, como consequência, ares de emancipação individual. O autor pondera, no entanto, que a hierarquização do saber não é eliminada pela possibilidade de acesso potencializada.

Outra limitação da quantidade de conteúdo disponível seria a discrepância entre a oferta e a demanda, que, através da internet, não chegam a uma relação de equilíbrio. Para o autor “nas sociedades desenvolvidas (...) necessidades de informação e de comunicação não param de crescer” (WOLTON, 2003, p. 93) e as Tics e a internet geram o ambiente ideal para o desenvolvimento desta máxima.

A novidade da internet é referir-se a aplicações fora do trabalho, em uma escala de massa, e em um espaço, a vida privada, em que se está pouco habituado a ser solicitado por um conjunto tecnológico integrado que oferece novos serviços (...) Aquele de uma sociedade de comunicação relativamente integrada, o que não quer dizer sem diferenciação social, mas em todo caso sem muitos conflitos aparentes, e onde emerge facilmente esta demanda de serviços e de informações que miraculosamente encontra na web os elementos de resposta que cada um procura. Em última instância, bastaria que em cada residência houvesse um terminal inteligente para que a maior parte das necessidades de informação fosse satisfeita... (WOLTON, 2003, p. 93-94)

Esta visão, da internet como libertária e propiciadora de liberdade individual e alcance de conhecimento, é considerada simplista pelo autor. A apreensão do conteúdo disponível através das Tics e o entendimento para relacionar-se com ele depende da definição de comportamentos sociais ao longo do tempo de convívio com a tecnologia e suas particularidades.

Embora Wolton tenha uma visão pessimista sobre as possibilidades das Tics e o acesso ao conteúdo disponível, Lévy (1999), por sua vez, indica algumas potencialidades dessa oferta de conteúdo. Para ele, existe a “inteligência coletiva”, o espaço de interação e de transmissão de conhecimento entre os usuários das Tics que acessam o ciberespaço.

Essa “inteligência coletiva”, formada pela indexação e troca de conteúdo, seria responsável por uma nova forma de apreensão do saber, que estaria potencializada porque as Tics

amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (banco de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos) (LÉVY, 1999, p.154)

As ferramentas da tecnologia, desta forma, seriam capazes de gerar novas formas de apreensão e de raciocínio, porque oferecem “árvores de conhecimento”, através da possibilidade de linkagem com outros conteúdos.

A posição dos autores trabalhados neste item é distinta. Wolton é mais reservado com relação às potencialidades das Tics e Lévy é um entusiasta. Para esta análise, não será adotada nenhuma perspectiva definitiva, mas entende-se que é preciso analisar situações específicas, entender seus contextos, que irão apontar para diversos horizontes.

### **3.2 A interação social mediada pela técnica**

Os clássicos Berger e Luckmann (1985) defendiam que a realidade é construída em termos sociais. Para os autores, a formação de cada ser humano está submetida à contínua interferência, determinada pela sociedade. O eu de cada um só é desenvolvido na relação com o ambiente, ou seja, com a sociedade.

Levando em conta esta premissa, tem-se o seguinte questionamento: como se dá o desenvolvimento das condições humanas na era da informação? De que maneira a oferta de meio diversos e mais intensos de produção de informação e comunicação agem na formação social?

Para estes mesmos autores, a única forma de interação válida seria o encontro face a face. É só neste momento e neste tipo de situação que é possível que dois “eus” diversos interajam de forma completa. “Nenhuma outra forma de relacionamento social pode reproduzir a plenitude de sintomas da subjetividade presentes na situação face a face” (BERGER E LUCKMANN, 1985, p. 47).

Quando impomos distâncias no ato de comunicar, criamos pontes com nossos interlocutores através da linguagem e criamos pontos de referência comuns entre os indivíduos. A linguagem criou uma forma de alinhar padrões em um corpo social, permitindo a comunicação. Portanto, a linguagem produz sentido mesmo àquilo que está distante.

Quando nos comunicamos utilizando as Tics, temos de fazer valer o artifício da linguagem, que possibilita a manutenção do contato. Porém, para John Thompson (2002), as novas formas de comunicação não são simplesmente a utilização de novas técnicas e as mesmas estratégias de linguagem. Compreendem novas formas de ação e interação, criando novos tipos de relacionamentos sociais.

Antes do início do período moderno na Europa, e até recentemente em algumas partes do mundo, o intercâmbio de informação e conteúdo simbólico era, para a maioria das pessoas, um processo que acontecia



exclusivamente dentro de situações contextuais face a face (THOMPSON, 2002, p. 81)

As novas ferramentas aumentam o alcance da comunicação humana no espaço e no tempo. O crescimento de canais e formatos de comunicar propicia a complexidade e imprevisibilidade do mundo contemporâneo. Com várias formas de comunicação e produção de informação à disposição, novos tipos de relacionamento surgem e parece ser interessante observar as estas novas características.

A internet transforma o modo como nos comunicamos, nossas vidas são profundamente afetadas por essa nova tecnologia da comunicação. Por outro lado, ao usá-la, de muitas maneiras, nós transformamos a própria internet. Um novo padrão sociotécnico emerge dessa interação (CASTELLS, 2003, p.10)

O autor defende que há dois tipos de premissas sobre a interação na internet, através das Tics delimitando um conflito: alguns setores interpretam que a tecnologia gerou novos padrões sociais e comunidades virtuais promissoras; por outro lado, há críticos que indicam que possa haver um isolamento social. Este debate, de acordo com o autor, foi prejudicado por três limitações, que seria a difusão generalizada da internet; a ausência de corpo substancial da pesquisa empírica; análises construídas em torno de questões simplistas (CASTELLS, 2003).

Em sua obra *Galáxia da Internet*, o autor descreve diversas pesquisas realizadas em países da Europa e nos Estados Unidos onde diversos grupos interagem com as Tics e a internet. Como se trata de processos sociais, o autor prefere não apontar uma tendência definitiva sobre a utilização da ferramenta, mas reitera que não é possível determinar uma conclusão, porque cada pesquisa analisada está incluída em uma circunstância diferenciada.

No entanto, afirma, como máxima da análise, que as Tics e a internet podem propiciar o individualismo. Como explica o autor, “não é a internet que cria um padrão de individualismo em rede, mas seu desenvolvimento que fornece um suporte material apropriado para a difusão do individualismo em rede como forma dominante de sociabilidade” (CASTELLS, 2003, p. 109).

#### 4. O USO DA INTERNET NO BRASIL

Pensando na especificidade de cada local, que, de forma óbvia, sempre fica aparente pela linguagem, idioma, cultura e costumes, há de se admitir que o uso da tecnologia também será diferenciado, como nos indicaram os pensadores em cibercultura vistos até aqui. Mesmo que, por exemplo, os telefones tenham uma finalidade específica, cada local fará uma apropriação da ferramenta, tornando única a utilização e apreensão. Desta forma também é com as Tics, tecnologia que permite formas de comunicação e acesso à informação mais intensificada.

Na tentativa de entender a relação entre as transformações culturais causadas pelas Tics, além do impacto da quantidade de informação disponível e novos formatos de interação em uma realidade mais próxima, pretende observar os números sobre o uso desta tecnologia no Brasil.

Com base nos levantamentos sobre internet no país, feito anualmente pela agência de publicidade e propaganda F/Nazca em parceria com o Datafolha<sup>1</sup>, tenta-se entender quais conseqüências já apontadas pelos teóricos se adéquam ao caso brasileiro ou de que forma o enraizamento social das Tics no Brasil estão se dando de forma singular. Para dados auxiliares, também foram consultados dados do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.br) e Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI-BR)<sup>2</sup>.

A pesquisa da F/Radar leva em consideração seis pontos de congruência entre indivíduo e a internet: possibilidade de acesso, navegação, compras, transversalidade da mídia, consumo de notícias e jogos eletrônicos. Os itens compras e jogos eletrônicos serão descartados nesta análise.

De acordo com o levantamento com relação ao acesso, são 81,3 milhões de brasileiros que tem possibilidade de estarem conectados à internet. Destes, o maior número de acessos está entre os adolescentes entre 12 e 15 anos: 91% afirmaram ter o costume de acessar a rede de computadores e destes, 65% acessa em lan houses<sup>3</sup>. Foram entrevistadas 2.247 pessoas em 143 municípios brasileiros, escolhidos por sorteio. Da amostra, 39% dos entrevistados moravam em capitais e regiões metropolitanas e 61% estavam no interior dos estados da Federação.

---

<sup>1</sup> Há sete anos, F/Nazca e Datafolha realizam o levantamento, que estão disponibilizados em <<http://www.fnazca.com.br/index.php/category/pesquisas/>> e é intitulado F/Radar.

<sup>2</sup> Disponíveis em <<http://www.cetic.br/>> e <<http://www.cgi.br/>>, respectivamente.

<sup>3</sup> Pontos comerciais que oferecem computadores com acesso à internet que pode ser locado por determinado tempo.

Da amostra, onde todos têm mais de 12 anos, 41% possuem um computador em casa e 28% destes possuem acesso banda larga. A conexão discada permanece sendo a opção em 6% dos lares com computadores.

O hábito de acessar é mais comum na classe A e B, onde 84% afirmam se conectar a rede. A diferença é grande com relação a outros estratos sociais: 51% das pessoas da classe C e 23% das classes D e E conectam-se à internet através das Tics.

Quando o ponto de vista é o acesso em casa, a discrepância entre as classes se acentua. Enquanto 73% dos entrevistados das classes A e B possuem acesso em casa, apenas 24% da classe C e 4% das D e E tem a mesma possibilidade. As pessoas que acessam a internet em casa costumam ter mais de 45 e possuem o ensino superior.

Fora de casa, são as lan houses e demais locais de acesso pago que figuram como o local mais buscado para promover o acesso à rede mundial de computadores. O perfil das pessoas que usa esses locais é: 14 a 34 anos, pertencentes às classes C, D e E, que possuam ensino médio ou fundamental. A casa de parentes ou amigos (25%), o trabalho (12%) e a escola (11%) também ocupam posições relevantes na preferência de opções para acesso à internet. Apenas 6% dos entrevistados utilizam espaços públicos e gratuitos para garantir o acesso; e 8% afirmam que entram na rede através de dispositivos móveis (celulares, smartphone, etc).

Com relação à frequência de acesso, vê-se que 38% da amostra acessa a internet todos os dias e 11% acessa entre quatro a seis dias por semana. Neste percentual, concentram-se, mais uma vez, internautas das classes A e B, com ensino superior. Outros 37% acessam entre uma a três vezes por semana, totalizando 86% de internautas brasileiros que “dão as caras” na rede pelo menos uma vez a cada sete dias.

O tempo médio de utilização da internet é baixo. Cerca de 73% permanecem entre uma e três horas conectados; 17% estão na rede entre três e seis horas e apenas 9% ultrapassam as seis horas diárias. De acordo com a estimativa, quem acessa mais vezes por semana, tende a ficar mais horas conectado.

Tentando sondar o impacto cultural gerado pela popularização do acesso à internet, o relatório F/Radar questionou os entrevistados sobre qual é a sensação

que se tem depois de começar a usar a rede. 98% dizem estar mais informados; entre 88 e 89% se dizem mais práticos, comunicativos instruídos e conectados com as pessoas. A quantidade de pessoas com sensações negativas com relação à internet é mais baixo: 10% se dizem mais solitárias, 17% mais estressados e 29% mais ansiosos ou impacientes.

Mais da metade dos internautas brasileiros, 57%, indica a inclusão de conteúdos de própria autoria na rede. Destes, 73% possuem entre 12 e 25 anos, o que indica que os mais jovens incluem mais conteúdos.

O que estes assíduos usuários divulgam na internet? 52% deles compartilham fotos, 20% transmitem textos, 19% divulgam vídeos e 7% publicam comentários sobre algo que está publicado na internet. A mesma quantidade de conteúdo é correspondente a áudios. A motivação predominante para a postagem de conteúdo é o relacionamento com outras pessoas e a divulgação e ilustração da vida pessoal.

O modo predominante de postagem desse conteúdo é através dos perfis pessoais o Orkut<sup>4</sup>: 40% dos entrevistados utilizam este meio para divulgação. O MSN<sup>5</sup> e o e-mail vêm logo atrás, com 32% e 21% de utilização, respectivamente. Sites ou blogs pessoais, comunidades e redes sociais, comentários e fóruns também compõe a lista de locais procurados pelos internautas.

O compartilhamento de conteúdos também atinge índices altos: 70% dos internautas utilizam a possibilidade de replicação e distribuição de conteúdo, a maioria deles, jovens. 80% das pessoas que acessam a rede e compartilham conteúdo possuem entre 18 e 25 anos. E o tipo de arquivos mais espalhado são fotos e imagens (47%).

Os números parecem apontar para uma participação moderada: 17% dos internautas se consideram participativos, ou seja, tem o costume de enviar conteúdos e comentários para os meios de comunicação.

Com relação às interfaces entre a internet e mídias de massa tradicionais, como o rádio e a televisão, as estimativas do levantamento apontam que 60% dos internautas já substituiu atividade realizada na mídia tradicional, pela oferta do

---

<sup>4</sup> Rede de relacionamento filiada ao Google, que tem como objetivo propiciar o contato entre as pessoas.

<sup>5</sup> Programa de mensagens eletrônicas da Microsoft.

serviço na internet. Ver um filme, novela, evento ou ouvir um programa de rádio, por exemplo.

Os números que revelam como se dá o consumo de notícias na internet realçam a predominância da televisão como meio prioritário para buscar informação. 59% dos entrevistados preferem ver ou saber de notícias através da televisão. 22% optam pela internet, 8% pelo rádio, 6% por jornais impressos e 2% utilizam revistas para buscar informação. O Google<sup>6</sup> e as redes sociais estão entre as principais ferramentas de busca de informação para os internautas brasileiros. Portais, sites de notícias, sites de mídias impressas e emissoras ficam em segundo plano.

Os números indicam que há uma discrepância com relação à escolaridade e o local para busca de notícias. Os mais instruídos dão preferência a ferramentas de buscas e portais. Quanto mais baixa é a escolaridade, cresce a estimativa dos que procuram notícias através das redes sociais.

A sociedade e a comunicação entre os indivíduos que a compõem já sofreram diversas transformações, com ondas tecnológicas e de mudanças de padrão que vão e vem. A apropriação destas ferramentas – como apontaram Wolton (2003) e Lévy (1999) – é diversa em cada circunstância e a noção da transformação cultural que se deposita ali nem sempre pode ser avaliada de imediato.

Além da transposição de hábitos cotidianos para o ciberespaço, a diferenciação na interação com a comunicação e a informação parece ser a grande mudança marcada na era das Tics. Mudar a comunicação implica mudar a cultura, os hábitos e esperar uma nova sedimentação para entender as aplicações dos modelos técnicos e de que forma o conteúdo adaptou-se à nova demanda.

---

<sup>6</sup> Empresa multinacional de geração de serviços online e softwares dos Estados Unidos.

## 5. COMUNICAÇÃO E POLÍTICA: A COSTURA ENTRE OS CAMPOS

Antes de tratar sobre o uso específico da internet para a realização da comunicação política, propõe-se uma breve articulação sobre conceitos ligados à área, para entendimento da relação entre política e comunicação e a posterior chegada à internet.

Na sociedade, formada por indivíduos que compartilham uma miscelânea de valores e rotina, há dois ingredientes latentes: comunicação e política. Eles estão intimamente entrelaçados e ocupam uma delicada zona de fronteira. Há uma membrana permeável que entre os dois campos que instiga pesquisadores da comunicação, das ciências sociais e de áreas afins. Os especialistas buscam compreender a configuração que o ambiente comunicacional e midiático dá à política e de que forma a política pode influenciar a comunicação.

As esferas da comunicação e da política se espalharam e se estabeleceram através do mundo de forma muito ampla e veloz. Desta interação, apura-se que as ações políticas, em grande parte, só são efetivadas em relação com a comunicação, inserindo-se no espectro da visibilidade pública. A comunicação, como rede de conexões, atua e sofre atuação da política e a política, agora reconfigurada pelo meios de comunicação de massa, se distingue de um estágio anterior porque tem amplitude de dimensão pública e caráter representativo (RUBIM, 2000).

O advento e a popularização dos meios de comunicação desde a invenção da prensa de Gutemberg potencializaram a quantidade de informação disponível para a população. Veículos impressos e, posteriormente, formatos tecnológicos para captação e transmissão de imagens, sons e textos, propiciaram o acesso facilitado e

o contato rotineiro com os meios de comunicação ampliou nossa vivência e deu novos sentidos às interações e experiências que constituem as identidades dos indivíduos e codificam seus comportamentos (MIGUEL & BIROLI, 2010, p.7)

Em uma sociedade onde a comunicação é a responsável pela costura entre os diversos campos sociais (BORDIEU, 1994), a reconfiguração da política e das práticas dos agentes políticos devido a esta intrínseca relação com a comunicação tem sido um tema recorrente de questionamento. Além de impactar comportamentos, a influência da mídia para a política é ampla: modificam-se os

discursos, a relação entre candidatos e eleitores. Ratificam-se posições ou são mostradas vias alternativas de opinião e atitude através da mídia. Além disso, os altos índices de consumo de mídia, padronizada em diversas regiões e países, traz a tona assuntos que podem ser compartilhados por grande parte do corpo social, com menor segmentação.

O impacto da mídia na política torna-se visível e se dá principalmente em quatro dimensões, também de acordo com Miguel e Biroli (2010). O primeiro deles serão a facilitação do contato entre os assuntos da política e o cidadãos: os meios de comunicação tornaram-se uma ferramenta para a transmissão de informação entre esses dois atores. A segunda dimensão que sofreu mudanças em potencial foi a do discurso político, que se adaptou ao formato que cabe nas mídias. Uma terceira instância de modificação seria a da proposição de pautas da política que são tratadas como mais relevantes dependendo de como a mídia a trata. Por fim, de acordo com os autores, é através dos meios de comunicação que as questões relativas à visibilidade e à produção de capital político são definidas.

No entanto, estas mudanças não indicam uma "diminuição" ou enfraquecimento da política, mas sim uma reformulação profunda nas duas áreas. Essa diferenciação, significativa, dá o norte sobre o entendimento atual destas duas grandezas. A capacidade que a mídia tem de "formular as preocupações públicas" (MIGUEL & BIROLI, 2010, p. 10) permitiu o estreitamento da relação entre os segmentos, além do surgimento de uma área especializada para observar estas relações, a Comunicação Política.

Neste trabalho, entender e conceituar esta expressão é essencial, pois uma das motivações da pesquisa é o entendimento sobre mudanças na vida política das sociedades contemporâneas com a facilitação do acesso aos meios de comunicação e trocas de informação. a alavanca que move a pesquisa está entre esta série de mudanças na política propiciadas e ampliadas por meio dos veículos de comunicação.

As marcas da modernidade afetam de modo avassalador as espacializações e as formatações assumidas pela atividade política cotidianamente. Em razoável medida, as práticas, ritos, papéis, instituições e valores ainda hoje predominantes no campo político têm sua formatação datada da modernidade. Comícios, manifestações de rua, eleições, opinião pública, parlamento, Estado, partidos, sociedade civil, políticos

profissionalizados, etc., emergem no bojo da configuração do período moderno e da autonomização da esfera política (RUBIM, 2000, p.50)

A Comunicação Política é uma expressão que designa e se relaciona com as mudanças ocorridas no campo da política por consequência do processo de democratização do acesso à informação que vem ocorrendo a cerca de dois séculos, com a ampliação da mídia massiva e a globalização de temáticas e assuntos (WOLTON, 2005; RUBIM, 2000; GOMES, 2004). As mudanças ocorridas no campo da política e que foram elencadas acima, além de sondagens de intenções de voto e tentativas de aferir a opinião pública estão entre os objetos envoltos pela discussão que perpassa a Comunicação Política.

A concepção de Comunicação Política diz respeito ao envolvimento de duas grandezas que podem determinar a possibilidade de ascensão ao poder e o exercício dele. Nas democracias contemporâneas, a maior parte da população escolhe representantes, através do voto e do processo eleitoral, para a tomada de decisões sobre os assuntos públicos e é através do acesso à mídia e a capacidade para lidar com ela é que a prática política encontra sustentação.

Entende-se, a partir deste panorama, que comunicação e política estão intimamente ligadas. Uma dá espaço e sustenta a outra e o que as separa é uma linha tênue que parece garantir, à população, direitos como a liberdade de expressão e o processo democrático. “Sem democratização da mídia e da telerealidade, sem democracia e cidadania ‘virtuais’ (...) não há como atualizar e tornar possível a democracia política e social na contemporaneidade”, como aponta Rubim (2000, p. 107-108).

O autor ainda explica que, diretamente, comunicar não tem a ver com governar. No entanto, por meio de diversos mecanismos midiáticos, temas relevantes, soluções, imagens públicas e legislação chegam ao público, que, interessado nas causas comuns, passa a tentar buscar informação e exercer direitos. Os atores sociais ligados à política utilizam estas ferramentas comunicativas como forma de buscar legitimidade e alcançar visibilidade pública (RUBIM, 2000).

A Idade Mídia redimensiona e ressignifica a política em três patamares distintos: na telepolítica, isto é, na política realizada em redes eletrônicas, analógicas ou digitais; no aparecimento de novos ingredientes políticos; e na redefinição dos regimes de funcionamento e dos formatos da política



realizada em espaços geograficamente determinados (RUBIM, 2000, p. 50-51)

Rubim retoma Manuel Castells para reiterar que a política trilha um caminho de relação intrínseca com os veículos comunicacionais: “como a informação e a comunicação circulam primordialmente através dos sistemas diversificados de meios (...) a política cada vez mais se encerra no espaço dos meios” (CASTELLS apud RUBIM, 2000, p.51)

Se o campo da política necessita da publicização de seus atos, para confirmar a representação social da política, entende-se que o campo da política parece trilhar um caminho de subordinação aos formatos midiáticos. Para o autor, esta relação é essencial, porque é através da mídia que os diversos interlocutores conversam, independente de local geograficamente definido, uma vez que os meios, de alcance global, diminuíram os entraves para a circulação de informação.

MIGUEL (2002), no artigo ‘Os Meios de Comunicação e a Prática Política’, descreve que a relação entre mídia e política não é vista com equilíbrio. Há duas posições distintas que variam entre os que acreditam em uma ligação irremediável entre os campos da mídia e da política e quem observe esta relação com mais parcimônia. Em seu texto, o autor propõe uma nova visualização, mas estabilizada, do momento no qual estes dois campos se misturam.

num ambiente de acerbo conflito de interesses, é inimaginável que os meios de comunicação sejam os porta-vozes imparciais do debate político (...) Isto não significa que se deva descair para o conformismo, já que a mídia "sempre" defenderá certos segmentos sociais, mas sim que é necessário perceber que a mudança passa pela pressão da sociedade, isto é, dos grupos prejudicados pela forma dominante de gestão da comunicação (MIGUEL, 2002)

As diversas nuances que envolvem a Comunicação Política também podem ser entendidas com através da síntese feita por Matos.

"(...) o ato do exercício do poder precisa ser explicitado num ato de comunicação (Fagen, 1971) (...) Nesse sentido, Canel (1999) define a comunicação política como 'uma atividade pela qual se adotam e se aplicam as decisões para e na comunidade'. Além da aceitação, aplicação e caráter vinculante, a comunicação política é fundamental para a organização da comunidade: no sentido de orientar os membros para definição de objetivos e a identificação dos problemas, a busca de consenso e na percepção de valores e tradições, permitindo a escolha entre as várias opções que lhe são oferecidas" (MATOS, 2010, p. 48)

Ou seja, a comunicação política perpassa diversos campos sociais e proporciona a manutenção da unidade social ou, pelo contrário, a reformulação de instituições que a organizam. Além da evidência da existência da Comunicação Política em períodos eleitorais, quando as estratégias e tentativas de aproximação com os eleitores ficam mais clara, é possível entender que durante todo o tempo passamos pelo processo de aproximação com questões políticas por meio da mídia.

As características da vida moderna, a individualização e o crescente consumo de produtos midiáticos transferiram a discussão e o conhecimento das questões públicas, que antes era feito pessoalmente, em salões e cafés, com pessoas interessadas pelo assunto, como evidenciou Habermas (1984), agora está deslocado para os caminhos oferecidos pela mídia.

A conceituação do termo Comunicação Política pode encontrar diversidade de entendimento conceitual e semântico. Isso porque aconteceram mudanças no significado da expressão ao longo dos anos, houve adequações com os diferentes momentos tecnológicos vividos pela sociedade e pelos diversos meios de comunicação disponíveis, e modificou-se a possibilidade de entender que existe uma realidade transmitida e costurada pela comunicação, na contemporaneidade. Essas premissas nos fazem entender que, embora o termo possa encontrar diversas interfaces, é possível compreender que, na comunicação política, também está imbricada a interação com um público. Este público de um veículo de comunicação tem possibilidades de transformar-se em eleitores (GOMES, 2004). Portanto, a existência da vida política na mídia - no atual estágio de disseminação no qual o campo midiático se encontra - é imaginar também que na comunicação política está incluída a interação com os eleitores que compõe os públicos específicos.

Para compreender melhor essa relação, pode-se tomar como exemplo correlato a menção às organizações não-governamentais e a esfera civil feitas por RUBIM (2000).

A formatação de estratégias político-midiáticas sintonizadas com o contemporâneo e a resposta a demandas socialmente relevantes parecem assegurar a essas Ong's um significativo lugar de interlocutores na sociedade civil global. No contexto atual, ser reconhecido e legitimado como interlocutor representa uma primeira e grande vitória (...) Isto é, transitam como entes políticos na esfera pública midiaticizada (RUBIM, 2000, p. 85-86)

Embora o autor esteja referindo-se ao processo de globalização, toma-se esta relação como passível de existir também em realidades mais restritas, como em questões políticas no âmbito nacional, estadual, municipal e até mesmo em pequenas comunidades.

## 6. COMUNICAÇÃO, POLÍTICA E INTERNET

As premissas acima citadas, sobre a relação entre política e os meios de comunicação pode ser estendida para as relações entre a vida e os agentes da política quando inseridos na rede de computadores interconectados que forma a internet. Para iniciar esta discussão, nos apropriamos dos seguintes questionamentos:

Mas se a consolidação do impacto da Internet sobre as interações privadas e sobre as atividades do mercado globalizado já é visível, menos claro é o impacto que ela terá sobre atividades e interações com fins públicos. Qual será o impacto da Internet sobre a vida política das sociedades contemporâneas? Como ela afetará a organização do Estado e da sociedade civil, e as atividades de representação e participação cívica associadas a estes espaços políticos? (EINSENBURG, 2003, p. 492)

Embora o autor proponha que a internet não traz nenhuma novidade além dela própria e que uma visão otimista, das Tics como detentoras de um poder revolucionário para a sociedade, Einsenberg propõe uma questão que nos parece inicial: a participação na internet gera “mecanismos de debate que mantêm um certo grau de independência em relação às mediações impostas pela mídia” (EINSENBURG, 2003, p. 498) e esta não-mediação fornece traços de semelhança com a esfera pública que se formava antes do advento dos meios de comunicação em massa a fazerem decair (HABERMAS, 1984).

As possibilidades elencadas pelas tecnologias de informação e comunicação são exponencialmente maiores que as de um estágio anterior, com meios de comunicação massivos.

As tecnologias digitais oferecem possibilidades ainda mais amplas e antes não imaginadas para os meios de comunicação, a exemplo da comunicação interativa e multidirecional, da capacidade de conexão instantânea, da erradicação das noções de distâncias e da oferta abundante de informação a custo baixo (BARBER, 1998; 2004). Torna possível, por exemplo, consultar a comunidade sobre determinada pendência em espaço curtíssimo de tempo ou mobilizar pessoas que não se conhecem em diferentes cantos do mundo. A tecnologia digital também é descrita como tendo potencial para ampliar o engajamento do cidadão na vida política (SCHLEGEL, 2009, p. 139)

Diante da afirmação de que a política é um conjunto de interações mediadas pela mídia, como mostraram RUBIM (2000) e GOMES (2004), a internet mostra-se

como um artefato que exige observação porque sua natureza é capaz de transformar o público – que anteriormente apenas recebia mensagens – em produtor e multiplicador de informação.

SILVEIRA (2009) pontua a importância das análises sobre política na internet e cita uma série de autores que podem servir como norte para quem pretende se aprofundar-se sobre o estudo na área.

Sem dúvida, são cada vez mais relevantes para uma sociedade em rede (CASTELLS, 1998) as investigações e análises da política na Internet, principalmente agora, quando não há mais dúvidas de sua importância como arranjo midiático fundamental para as disputas pelo poder de Estado. A campanha de Barack Hussein Obama não se tratou de um ponto fora da curva, mas de uma tendência. Segundo a pesquisa realizada pelo *Pew Research Center for the People & the Press* e da *Pew Internet & American Life Project*, em 2008, 42% dos jovens norte-americanos entre 18 e 29 anos disseram informar-se sobre a campanha pela Internet (...) Os estudos da política na rede focalizam, principalmente, o uso da Internet pelos partidos e candidatos (BARROS FILHO, COUTINHO & SAFLATE, 2007; CHAIA, 2008). Existem, ainda, instigantes análises sobre o impacto das interfaces colaborativas (RHEINGOLD, 2004; UGARTE, 2008), do uso das mídias sociais como organizadores coletivos (SILVEIRA, 2007), do surgimento de uma nova esfera pública agora interconectada (BENKLER, 2006), além de uma vasta gama de debates sobre a representação, a organização política e as instituições democráticas a partir do ciberespaço (COLEMAN, 1999; HAGUE & LOADER, 1999; NIXON & JOHANSSON, 1999; WILHELM, 1999; BARBER, 2004; TERRANOVA, 2004; JENKINS & THORBURN, 2004; NOVECK, 2005) (SILVEIRA, 2009)

De acordo GOMES et al. (2009) as mudanças constantes que são propiciadas pelo avanço tecnológico e a apropriação divergente que pode ocorrer em cada local ou momento histórico delimitam as características da literatura internacional feita sobre esta temática.

Ela é, antes de tudo, pouco extensa, e a razão principal disso é o fato de que campanhas realmente desenhadas para o ciberespaço não existiram antes de 2000 (BIMBER & DAVIS, 2003). Ela é pouco sustentada empiricamente porque a velocidade das transformações técnicas das campanhas *on-line* desencoraja os altos investimentos em pesquisas empíricas consistentes (GOMES et al., 2009)

Os mesmos autores situam que há a realização de pesquisas sobre campanhas eleitorais online desde o início da década de 1990, quando a utilização ainda era mínima. As análises, com o decorrer dos anos, vão se tornando datadas,

pois a modificação e os usos da tecnologia no período de intervalo entre dois pleitos podem mudar de forma considerável.

Ainda tratando sobre as pesquisas sobre participação política e internet, Gomes (2011), considera que a observação das campanhas e da vida política online tem se focado nas questões relativas à participação e diminuição do déficit de participação política que está presente na sociedade atual.

Maia (2011) indica mais uma razão pela qual a pesquisa na área encontra consonância tanto com a evolução dos aparatos tecnológicos quanto com o interesse dos cidadãos pela temática. A autora evidencia que nas duas últimas décadas do século XX, os modelos políticos mais concentradores mostraram fraquezas e a sociedade civil criou um sentimento de desconfiança com relação à possibilidade de os Estados serem provedores do que a população necessita.

Nesse cenário, a emergência da internet contribuiu para sustentar o entusiasmo pela sociedade civil, com vistas a revigorar a participação política. A internet proporcionou uma nova infraestrutura – mais rápida e mais barata, com grande potencial para produção e difusão autônoma de informação e com uma gama variada de recursos para a conexão e para a ação política em escala local, nacional e transnacional (MAIA, 2011, p. 47)

Por sua vez, Marques (2011), também indica que as pesquisas na área de comunicação, política e internet indicam que as Tics propiciam ferramentas de interação que podem valorizar o debate político e incrementar práticas democráticas (2011, p. 95), mas expõe pesquisadores que discordam desta visão mais “otimista”. Comenta-se que o debate entre as duas vertentes deságua em única opção: fortalecer a pesquisa empírica para construir uma visão mais apurada sobre as possibilidades da internet que, de fato, são utilizadas e aquelas que ficam em segundo plano.

O autor elenca algumas premissas propostas pelos pesquisadores que divergem da visão “integrada” sobre o uso da internet para participação política. Seriam elas, de acordo com os autores:

Dentre os principais problemas indicados estão as desigualdades no acesso às tecnologias; a qualidade duvidosa da informação política tornada disponível aos usuários; o crescente teor comercial que a rede vem adquirindo; a manutenção do domínio de grandes grupos mediáticos no que se refere à produção de conteúdo; e as ameaças às liberdades e à

privacidade dos cidadãos (Postman, 1994; Buchstein, 1997; Davis; 1999; Wilhelm, 2000; Wolton, 2001; Dean, 2003) (MARQUES, 2011, p. 96)

Especificamente, no âmbito da participação política, o autor pontua que a individualização dos temas de interesse pode ser um fator de desfragmentação do debate, uma vez que os temas comuns ficam relegados a um segundo plano.

Além das possibilidades de participação política, interatividade e debate, há outro viés bastante considerado nas análises da área de ativismo, que é a mobilização para alcançar votos ou mesmo a possibilidade de arrecadação de doações de correligionário, eleitores e simpatizantes (AGGIO, 2011, p. 175). O autor aponta um caso emblemático que ocorreu em 2008. O novato na política Jesse Ventura foi eleito governador do estado de Minnesota e um dos seus investimentos foi a construção de um site onde o público/eleitores “se comunicavam, se organizavam e recebiam mensagens do próprio candidato e dos membros da campanha com vistas a se construir mobilizações de apoio” (AGGIO, 2011, p.176).

Por fim, nesta etapa, vale apontar os resultados da pesquisa de Schlegel (2009), que tratou sobre o perfil do internauta brasileiro com relação à participação política, com base na análise de dados do survey LatinoBarómetro<sup>7</sup>, de 2007. O trabalho do pesquisador indica que, embora a internet forneça possibilidade e espaços de fala são, majoritariamente, os cidadãos que já participam de ações políticas em formatos offline, que mantêm os traços de participação na internet.

De forma geral, são achados que justificam visão menos pessimista sobre a forma como a nova tecnologia tem se expandido no Brasil, embora os dados revelem que fundamentalmente a internet tem favorecido os setores com posição mais central na política e na sociedade. A internet hoje contribui para incluir quem já está incluído, mas há sinais de oportunidades para outros setores sociais (SCHLEGEL, 2009, p. 138)

Comparando o caso brasileiro a países vizinhos, como Argentina e Chile, o autor aponta as seguintes considerações sobre internet e participação política no Brasil. A escolaridade parece ser o grande muro do acesso, uma vez que as pessoas com titulações superiores têm maior chance de acesso, assim como mostrou pesquisa citada no item 4 deste trabalho. No entanto, de acordo com o

---

<sup>7</sup> A pesquisa é realizada em 18 países da América Latina e preocupa-se em averiguar atitudes e valores políticos.

autor, outras variáveis (etnia, gênero, renda e ocupação) que denotem a posição social não se mostraram como indicadores fortes.

Outra hipótese confirmada é que os níveis de participação política online são maiores naqueles indivíduos que já promovem uma ação offline, o que pode conferir à possibilidade de ampliação da democracia um caráter excludente e de reforço das condições sociais nas quais estão inseridas as camadas que já são desconectadas da base civil da sociedade e das instâncias decisórias.

Os que estão conectados são mais os participativos, mas a partir daí não se pode inferir diretamente que a participação on-line será dominada por essas mesmas pessoas. Trata-se, antes, de um sinal de alerta: se as tecnologias digitais reduzem os custos de participação e eventualmente aumentam a motivação, são os setores mais ativados da sociedade brasileira que hoje têm mais condições de tirar proveito dessas possibilidades (SCHLEGEL, 2009, p. 154)

No entanto, a análise dos dados mostrou que não há variação nos valores políticos demonstrados nesta participação, pois “não houve divergências com um sentido claro e consistente entre conectados e não-conectados” (2009, p.154). O autor aponta traços do internauta brasileiro e a sua participação política, que foram observáveis por meio da análise de dados: o internauta denota ênfase em “sociabilidade (...), qualidade de vida, na participação e na autoridade não-hierárquica” (idem), e estas proposições parecem ir ao encontro das possibilidades oferecidas pelas ferramentas dos computadores conectados à internet.



## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de percorrer o caminho teórico para a elaboração deste trabalho, a questão latente<sup>8</sup>, proposta por Einsenberg (2003) e apropriada para esta discussão, pode começar a ser destrinchada. Qual será o impacto da internet sobre a vida política? As pesquisas analisadas apontam para a ampliação da possibilidade de participação dos públicos e eleitores, no entanto, a utilização das ferramentas parece demonstrar uma subutilização, tanto por parte dos agentes e atores políticos, proponentes dos temas da discussão, quanto dos internautas, que podem utilizar as Tics como uma via alternativa e complementar para alcançar espaços de fala e visibilidade.

Como a internet vai afetar as atividades de representação e participação cívica? Este questionamento é inseparável do refletir sobre comunicação, a política e as novas ferramentas midiáticas. As crescentes inserções da tecnologia nas relações sociais parecem afetar a transmissão de informação, mas até que ponto isso ocorre? Em outras esferas sociais, além da política, essa interferência também ocorre. No entanto, o que se espera dos atores políticos e da sociedade quando capaz de utilizar uma rede de computadores conectados de forma global é uma reconstituição da tão “ideal” esfera pública, onde todos os cidadãos podiam participar e ser ouvidos. Habermas (1984) nos explica que esta esfera de decisões já não pode ser reconstituída como Grécia, nos idos da invenção da democracia. O que nos interessa e gera tanto alarde são as possibilidades de diminuir o déficit de participação política, que afeta grande parte das democracias liberais contemporâneas. O sistema político atual é representativo e tende, por natureza, a não abranger toda a sociedade. Porém, as probabilidades de acesso à informação e participação são ampliadas com a inserção de tecnologias no cotidiano.

O resgate das questões teóricas sobre a relação entre os indivíduos e a tecnologia, sobre o uso da internet no Brasil para usos gerais e também para a participação política, além de tratar das premissas sobre comunicação política, faz aguçar a vontade de analisar profundamente de que forma este público, composto

---

<sup>8</sup> “Qual será o impacto da Internet sobre a vida política das sociedades contemporâneas? Como ela afetará a organização do Estado e da sociedade civil, e as atividades de representação e participação cívica associadas a estes espaços políticos?” (EINSEMBERG, 2006, p. 492)

por possíveis eleitores, age em reação às informações políticas disponíveis e, ainda, observar de forma minuciosa, à luz das teorias da sociologia política e da comunicação, como instituições democráticas e agentes políticos se mostram e utilizam a internet e mais, o que incentiva a participação do cidadão.

A formulação deste trabalho teórico endossa a necessidade já apontada por autores trabalhados, de formular, incansavelmente, recortes da realidade que digam respeito à interface entre comunicação e política, para que sejam estudados e ponderados, a fim de compor uma teoria que diga respeito aos usos e possibilidades reais da internet e da interação mediada por computador.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

BLANCHARD, G. **O uso da internet a serviço da comunicação do partido.**

Líbero, São Paulo, n.18, p. 9-19, dez. 2006. Disponível em

<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/4617/4343>>

Acesso em 23 ago.2010

BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas.** Trad. Paulo Montero. In: ORTIZ, R. Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1994.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet – Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** São Paulo: Editora Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DIZARD, Wilson. **A Nova Mídia: a comunicação de massa na era da informação.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

EINSENBURG, José. Internet, Democracia e República. In Revista Dados, nº3, Vol. 46, 2003, pág. 491 a 511. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v46n3/a03v46n3.pdf>> Acesso em 12 nov. 2009.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital.** São Paulo: Contexto, 2004.

FRAGOSO, Suely. **Métodos de Pesquisa para internet.** Suely Fragoso, Raquel Recuero, Adriana Amaral. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 2009.

GOMES, Wilson. **Transformações da Política na Era da Comunicação de Massa.** São Paulo: Paulus, 2004.

GUAZINA, Liziane. **O Conceito de Mídia na Comunicação e na Ciência Política: Desafios Interdisciplinares.** In: Revista Debates, nº 1, Porto Alegre, 2007. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/viewFile/2469/1287>> Acesso em 02 out.2009.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **Tecnologias da inteligência.** São Paulo: Editora 34, 1993.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem.** São Paulo: Cultrix, 1979.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MAIA, R., GOMES, W., MARQUES, F. (org). **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MIGUEL, Luis Felipe. **Os Meios de Comunicação e a Prática Política**. In: Lua Nova: Revista de Cultura e Política nº 55-56, São Paulo, 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452002000100007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452002000100007&script=sci_arttext)> Acesso em 26 set.2009.

RIBEIRO, Pedro José Floriano. **Campanhas eleitorais em sociedades midiáticas: articulando e revisando conceitos**. In: Revista de Sociologia e Política nº 22, Curitiba, 2004.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade**. 2ª ed. Lisboa: Presença, 1997.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Comunicação e Política**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. **Novas Dimensões da Política: protocolos e códigos na esfera pública interconectada**. In: Revista de Sociologia e Política, nº 32, Vol. 17, 2009. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n34/a08v17n34.pdf>> Acesso em 13 nov. 2010.

SCHLEGEL, Rogerio. **Internauta brasileiro: perfil diferenciado, opiniões indiferenciadas**. Revista de Sociologia e Política, vol.17, n.34, 2009, pp. 137-157. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n34/a11v17n34.pdf>> Acesso em 13 nov.2010.